

# A QUESTÃO DA MEMÓRIA EM ARISTÓTELES E AGOSTINHO – UMA LEITURA A PARTIR DE PAUL RICOEUR

THE QUESTION OF MEMORY IN ARISTOTLE AND AUGUSTINE – A RICOEURIAN READING

Elton Quadros<sup>1</sup>

## RESUMO

Os estudos de memória têm em Aristóteles e Agostinho pensadores originários que problematizam com competência o referido lugar da memória como conteúdo filosófico e existencial, capaz de conferir sentido à tarefa da existência humana. O filósofo grego aborda a memória como uma questão fundamentalmente do tempo, enquanto o bispo de Hipona destaca a questão da subjetividade mediante a interioridade. Dessa forma, duas questões-chave são estabelecidas: a primeira, que o homem habita o tempo; a segunda, como o tempo e a memória são habitados pelo homem. É nesse contexto que o filósofo francês Paul Ricoeur, no livro *A memória, a história, o esquecimento* (2010), realiza uma análise profunda da concepção de memória dos dois pensadores, com o objetivo de explicitar quanto e como é possível confiar na memória no interior da temporalidade que a constitui e, ao mesmo tempo, constitui o sujeito de memória. Ricoeur está entre os autores que, no decorrer do século passado, se detiveram sobre o tema da memória e recolocaram esse tema no centro das discussões filosóficas.

Palavras-chave: Agostinho. Aristóteles. Memória. Reconhecimento de Si. Ricoeur.

---

<sup>1</sup> Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB. Professor de Direito auxiliar da UNEB, *Campus VIII*. E-mail: eltonquadros@gmail.com

## ABSTRACT

Original thinkers such as Aristotle or Augustine made studies about memory which discussed the place of memory as a philosophical and existential content, capable of providing meaning to the task of human existence. The Greek philosopher broaches memory essentially as a question of time and the Bishop of Hippo accentuates subjectivity through speaking of interiority. In doing so two main questions are settled: the first concerns the fact that man inhabits time; the second is related to how time and memory are inhabited by man. In this context French philosopher Paul Ricoeur's *Memory, History, Forgetting* (2010) fulfills a profound analysis of the two conceptions made by the former thinkers. His aim is to clarify how much and how is possible to trust in memory within temporality, which constitutes memory and at the same time constitutes the subject of memory. Ricoeur is among the authors that in past century remained in the field of memory and put this subject back to the core of philosophical discussions.

Keywords: Augustine. Aristotle. Memory. Recognition of Oneself. Ricoeur.

## INTRODUÇÃO

A questão da memória perpassa as culturas. Por isso, é sensata a tese que afirma que a memória constitui a identidade e a individuação de determinada cultura, de determinado modo de ser. A memória é a casa do ser. Enquanto moradia do humano, tanto o Oriente quanto o Ocidente realizam reflexões que tentam compreender e lidar melhor com esse mistério humano. Para efeito de delimitação desse artigo, objetivaremos a abordagem da memória no diálogo construído entre Aristóteles e Ricoeur, tomando como lugar do encontro a obra *A memória, a história, o esquecimento* (2010).

Refletir sobre a memória, os usos e abusos frequente e intencionalmente utilizados sobre a memória, é uma contribuição original para impedir que os riscos de manipulação da memória, que ocorrem no Ocidente e no Oriente, e também entre ateus e religiosos, sejam relegados à dimensão do passado e evocados apenas como lembranças. A garantia que nós temos de dificultar que as barbáries humanas, tão vizinhas ao nosso existir, continuem acontecendo é impedir que a memória se torne passado e objeto apenas das consultas dos manuais dos livros de História. Os exemplos de negação e manipulação da memória são muitos: as conhecidas experiências dos órgãos de comunicação da extinta URSS (com as fotos em que aparecem dissidentes do regime); mais recentemente, as ações dos Talibãs com relação à destruição de estátuas budistas etc.

Isso pode ser indicado com a realização, por Paul Ricoeur, de uma análise profunda sobre o pensamento do filósofo grego e do santo católico. Ricoeur está entre os autores que, no decorrer do século passado, se detiveram sobre o tema da memória, inaugurando uma nova vereda.

Analisar as ideias de Aristóteles e Agostinho, no que diz respeito à memória, a partir da concepção de Ricoeur constitui o cerne deste artigo e nos possibilita refletir sobre a questão da memória nas suas primeiras formulações filosóficas no Ocidente.

# 1 A QUESTÃO DA MEMÓRIA PARA ARISTÓTELES

Da longa exposição realizada por Ricoeur sobre as visões de Platão e Aristóteles acerca da memória, gostaríamos de destacar algumas das conclusões a que chega o filósofo francês.

Após a análise das concepções platônicas e aristotélicas sobre a memória, Ricoeur oferece um leque de interpretações a partir de um estudo qualitativo e de uma séria reflexão sobre a importância da memória e o motivo de ela ter sido renegada no cenário filosófico até a filosofia contemporânea.

Em relação a Agostinho, Ricoeur sente-se incomodado com o pensador de Tagaste, pois ele concebe um presente único no interior de um tríplice presente para resolver as dificuldades de explicar o tempo passado e o tempo futuro. Isso significa, segundo a análise de Ricoeur em *Tempo e narrativa I*, evidenciar os paradoxos e as contradições entre tempo e eternidade, considerando o tempo como dissolução, isto é, como desvanecimento; como agonia, apresentando suas relações com a morte, com a doença e com a fragilidade; como banimento, com a vulnerabilidade e o exílio; e, finalmente, como noite, que equivale metaforicamente à opacidade e à própria finitude humana. Mas, em que lugar nessas variáveis reside a memória?

Com relação a Platão, Ricoeur percebe que o filósofo grego não relaciona a memória com a questão do tempo. Por isso, o autor do *Teeteto* fundia memória e imaginação, na medida em que negligenciava a questão da temporalidade: “É verdade que, muitas vezes, os tempos verbais do passado são distintamente enunciados; mas nenhuma reflexão distinta é dedicada a esses dêiticos incontestáveis” (RICOEUR, 2010, p. 31).

Em contrapartida ao pensamento de Platão, o qual nos interessa examinar mais detidamente, Aristóteles apresenta no pequeno tratado *De memória e de reminiscência* (1962) uma importante contribuição para os estudos da memória. A noção de memória em Aristóteles está associada especialmente à questão do que comumente conhecemos como lembrança. Tanto é assim que, no início da obra *Metafísica* (2006), o Estagirita destaca a memória-lembrança como uma das primeiras

faculdades do conhecimento, após a sensação (sentidos), sendo, até aí, comuns entre homens e animais: “Os animais nascem naturalmente dotados do poder da sensação, e a partir desta alguns desenvolvem a faculdade da memória, enquanto outros não” (ARISTÓTELES, 2006, p. 43). Assim, para ele, a inteligência e a capacidade dos animais pode ser medida conforme a capacidade destes de lembrar.

Se as sensações e a memória são as duas primeiras faculdades do conhecimento, somente os homens são capazes de alcançar a arte e o raciocínio, uma vez que “É a partir da memória que os seres humanos adquirem experiência, porque as numerosas lembranças de uma mesma coisa acabam por produzir o efeito de uma única experiência” (ARISTÓTELES, 2006, p. 43)

Ricoeur aponta a definição de Aristóteles: “la memoria tiene por objeto el pasado”<sup>2</sup> (ARISTÓTELES, 1962, p. 44), que será a base de toda a pesquisa sobre a memória realizada pelo filósofo francês:

A primeira questão que se apresenta é a da “coisa” lembrada; é nessa ocasião que é pronunciada a frase-chave que acompanha toda a minha pesquisa: “A memória é do passado” [...]. É o contraste com o futuro da conjectura e da espera e com o presente da sensação (ou percepção) que impõe esta caracterização primordial. E é sob a autoridade da linguagem comum (“ninguém diria... mas dir-se-ia que...”) que é feita a distinção. Mais fortemente ainda: é “na alma” que se diz ter anteriormente (*proteron*) ouvido, sentido, pensado alguma coisa [...] (RICOEUR, 2010, p. 35).

Com a introdução do tempo na memória, Aristóteles apresenta o tempo como um transcorrer do passado para o presente e, com isso, ele distingue a capacidade que conserva o passado da reminiscência, compreendida como uma busca voluntária do passado. Assim, a “presença de uma ausência” tem uma dupla possibilidade: de um lado, remete a ela mesma, e, por outro lado, apresenta novamente algo já ocorrido no tempo – por exemplo, uma bola remete ao objeto bola e, ao mesmo tempo, a uma bola já conhecida no passado.

---

<sup>2</sup> “A memória tem por objeto o passado” (Tradução livre).

Não obstante, Aristóteles acreditava que a memória não faz parte da faculdade cognitiva, mas da faculdade sensitiva primária, e, portanto, não seria somente um fenômeno humano. Mas, mesmo que os animais não sejam conscientes do tempo, um “hombre recuerda actualmente lo que há visto, oído o aprendido, tiene la consciéncia simultánea de que ha hecho aquello antes; ahora bien, expresiones como antes y después dicen relación al tempo”<sup>3</sup> (ARISTÓTELES, 1962, p. 45).

Chama-nos a atenção também que, para Aristóteles, a memória esteja articulada entre a imaginação, o tempo e as afecções (RICOEUR, 2010, p. 36-37). Para ele, todas as coisas que são imagináveis são, necessariamente, objetos da memória. Por outro lado, as afecções causadas na alma por conta das sensações ficam, de alguma maneira, gravadas. Por isso, dirá o Estagirita: “la afección, cuyo último estádio llamamos memoria -; el estímulo, en efecto, produce la impresión de una especie de semejanza de lo percebido, igual que cuando los hombres sellan algo com sus anillos selados”<sup>4</sup> (ARISTÓTELES, 1962, p. 46). Com isso, para Aristóteles, os defeitos de memória dos jovens e dos velhos são explicados por conta da forma distinta como esses são afetados.

Aristóteles resume o seu empreendimento inicial sobre a memória da seguinte maneira:

hemos dicho que es un estado producido por una imagen mental, referida, como una semejanza, a aquello de que es una imagen; y hemos explicado también a qué parte de nosotros pertenece: a saber, que pertenece a la facultad sensitiva primaria, es decir, a aquella con que percibimos el tiempo<sup>5</sup> (ARISTÓTELES, 1962, p. 47).

O recordar, por sua vez, implica e se dá acompanhado pela memória, mas, pressupõe um esforço para acompanhar uma cadeia de sucessões

---

<sup>3</sup> Um “homem recorda atualmente o que viu, ouviu ou aprendeu, tem consciéncia simultánea do que fez antes; assim, expressões como antes e depois estão relacionadas ao tempo” (Tradução livre).

<sup>4</sup> “a afecção, cujo último estado chamamos memória; o estímulo, com efeito, produz a impressão de uma espécie de semelhança ao percebido, igual quando os homens selam algo com seus anéis” (Tradução livre).

<sup>5</sup> “temos dito que é um estado produzido por uma imagem mental, que se refere, como uma semelhança, àquilo de que é uma imagem, e temos explicado também

contínuas: “cuando um hombre desea recordar algo, este será el método que debe seguir; intentará hallar un punto de partida para un movimiento o impulso que le conduzca al que él busca<sup>6</sup> (ARISTÓTELES, 1962, p. 49). Mesmo que não seja possível recordar imediatamente de determinado fato ou movimento, a busca poderá, através do empenho, lograr o intento inicial. Para Aristóteles, isso é facilitado pelo uso de sequências e de associações que auxiliam no ato de recordar.

Após essas considerações, Aristóteles retoma a sua reflexão sobre o tempo, visto que o recordar se dá de maneira distinta por conta deste, ou seja, a coincidência entre o impulso relativo ao que foi realizado e o impulso relativo ao tempo se dão conjuntamente – há uma recordação atual e, quando há essa recordação, não existe a possibilidade de que não haja a percepção do recordar, pois essa consciência do ato de recordar é característica da recordação.

Assim, temos clarificado, para Aristóteles, a distinção entre a memória (lembrança) e o recordar:

El recordar difiere de la memoria, no solamente en el aspecto del tiempo, sino también porque, mientras que muchos otros animales participan de la memoria, se puede decir que ninguno de los animales conocidos, excepto el hombre, puede recordar. Por esta razón el recordar es como una especie de silogismo o inferencia; pues, cuando un hombre recuerda, infiere o deduce que él antes ha visto, ha oído o ha experimentado algo de aquella clase, y el proceso de recordar es una especie de búsqueda. Este poder o capacidad sólo puede corresponder por naturaleza a animales que posean la facultad de la deliberación; ya que también la deliberación es una especie de inferencia<sup>7</sup> (ARISTÓTELES, 1962, p. 52).

---

a que parte pertence, a saber: à faculdade sensitiva primária, isto é, àquela com que percebemos o tempo” (Tradução livre).

<sup>6</sup> “quando um homem deseja recordar algo, este será o método que deve seguir; ele tentará encontrar um ponto de partida para um movimento ou impulso que o conduza ao que busca” (Tradução livre).

<sup>7</sup> “O recordar difere da memória, não somente no aspecto do tempo, mas também porque, enquanto muitos outros animais participam da memória, pode-se dizer

A relação, ainda no pensamento de Aristóteles, entre a lembrança (tratada por Ricoeur como *mneme-memória* ou como evocação simples) e a recordação (*anámnesis-reminiscentia* ou esforço de recordação) indicaria, no primeiro caso, aquela “simples presença no espírito de uma imagem do passado concluído” (RICOEUR, 2006, p. 125), uma imagem que se apresenta ao espírito de maneira passiva. Já a recordação, que tem um caráter ativo, constitui uma luta contra o esquecimento e “é preciso acrescentar a ela o efeito de distanciamento no tempo que dá à recordação o aspecto de uma transposição de uma distância que suscita perguntas do tipo ‘há quanto tempo?’ e expressões como ‘recentemente’, ‘antigamente” (RICOEUR, 2006, p. 125). Essas expressões, que parecem reafirmar uma certa passividade que pertenceria à lembrança, revelam, ao fim e ao cabo, um paradoxo – segundo Ricoeur, um paradoxo gramatical: “o passado é ao mesmo tempo o que não é mais e o que foi” (RICOEUR, 2010, p. 126).

## 2 PASSADO E RECONHECIMENTO

Essa espécie de “reconquista do passado”, apontada por Aristóteles, para Ricoeur terá o seu coroamento no princípio do reconhecimento, na medida em que reconhecer o passado também constitui um reconhecimento de si (RICOEUR, 2010, p. 127). Na trajetória de cada Indivíduo, as referências ao que era e ao que é constituem um ponto fundamental. Exemplo disso encontramos na linguagem dos “convertidos”, daqueles que, ao aderirem a uma nova religião, são capazes de usar os tempos linguísticos como inteiramente distintivos de um tempo-passado de pecados e desmesuras e de um tempo-presente indicativo de uma profunda transformação. Mais ainda: são capazes de anunciar um tempo-futuro do que será, na vida cotidiana e na vida sobrenatural, fruto das alterações provocadas pela conversão, o que garantirá, na linguagem cristã, a vida eterna.

---

que nenhum dos animais conhecidos, exceto o homem, pode recordar. Por esta razão, o recordar é como uma espécie de silogismo ou inferência, pois, quando um homem recorda, infere ou deduz que ele já viu, ouviu ou já experimentou algo daquele tipo, sendo o processo de recordar uma espécie de pesquisa. Este poder ou capacidade só pode corresponder naturalmente a animais que possuem a faculdade de deliberação, já que também a deliberação é uma espécie de inferência” (Tradução livre).



Portanto, aparecem nos usos do convertido uma série de expressões indicativas, entre elas as mais significativas de um passado que é reconquistado, uma vez que, mesmo que os pecados e erros sejam listados, os sinais do sobrenatural que propiciaram a transformação pela fé também aparecem. Ao lado de “eu vivia” no pecado, encontramos “Deus me encontrou” e, no presente, encontraremos também a expressão “e hoje eu sou uma nova pessoa”.

O passado está ligado à lembrança, à medida que imagens do passado vêm a nós e, ao mesmo tempo, à recordação, uma vez que há por parte do espírito uma atitude de combate em relação ao esquecimento e uma afirmação da temporalidade na diferenciação do passado (antigamente, recentemente etc). Ricoeur considerará essa a grande contribuição de Aristóteles para o tema da memória, lembrando que ainda é preciso chegar às filosofias do sujeito, especialmente de Bergson (com o advento da Fenomenologia), para que a questão do reconhecimento de si encontre o seu pleno desenvolvimento.

### **3 A QUESTÃO DA MEMÓRIA PARA AGOSTINHO**

Ao discutir, em *Tempo e narrativa I*, a questão da temporalidade narrativa, Ricoeur aborda um importante ponto: a articulação do tempo através da dinâmica do passado, presente e futuro. Neste ponto, o santo da Igreja Católica está em oposição às ideias de Aristóteles para negar o caráter existencial da relação entre vida e tempo:

Santo Agostinho havia rejeitado a antiga tese grega (reencaminhada por Aristóteles) de que o tempo correspondia a um “movimento dos astros”, e introduz a noção de que “o tempo é interior, passando-se na alma”, o que o permite impactar esta alma humana com uma tripla presença: do Passado, através da Memória; do Presente, através da Visão; e do Futuro, através da Espera (ou da “expectativa”). Esta experiência do tempo corresponde a uma profunda vivência humana, mas ao mesmo tempo trata-se de uma experiência não comunicável, porque está impregnada de subjetividade (BARROS, 2012, p. 6).

Para Ricoeur, também precisamos lembrar-nos das ideias de Agostinho sobre o sujeito da memória na obra *Confissões* (uma narrativa em primeira pessoa). Dado o caráter de descrição de sua própria conversão, Agostinho aponta a centralidade do **Eu**: “Agora já não escalo as regiões do firmamento; não meço as distâncias dos astros; não procuro as leis do equilíbrio da Terra; sou eu que me lembro, eu, o meu espírito” e, mais adiante, exclama Agostinho, evidenciando a problemática da memória: “Oh! Nem sequer chego a compreender a força da minha memória, sem a qual não poderia pronunciar o meu próprio nome!” (AGOSTINHO, 1973, p. 207).

Para Agostinho, a memória é fundamental – daí não ser à toa a imagem do palácio da memória no livro X das *Confissões*. Somente por meio da memória temos consciência do esquecimento. Mais uma vez, memória e esquecimento sempre estão juntos:

E mesmo quando falo do esquecimento e conheço o que pronuncio, como poderia reconhecê-lo, se dele não me lembrasse? Não falo do som desta palavra, mas do objeto que exprime. Se o esquecesse, não me poderia lembrar do que esse som significava. Ora, quando me lembro da memória, esta fica presente a si, por si mesma. Quando me lembro do esquecimento, estão ao mesmo tempo presentes o esquecimento e a memória: a memória que faz com que me recorde, e o esquecimento que lembro (AGOSTINHO, 1973, p. 206).

Ao localizar no próprio **Eu** o **quem** lembra, Agostinho chega a afirmar: “chamamos espírito a própria memória” (AGOSTINHO, 1973, p. 205). Como sinal disso, a própria medição do tempo serve como confirmação do caráter interior da memória:

[...] é no espaço interior da alma que se desenvolve a famosa dialética entre *distentio* e *intentio*: distensão entre as três orientações do mesmo presente, presente do passado na memória, presente do futuro na antecipação, presente do presente na intuição (ou, como prefiro dizer, na iniciativa); mas intenção que atravessa as fases da recitação

do poema preferido. A alma é como o tempo, ele próprio passagem do futuro para o passado através do presente (RICOEUR, 2006, p. 132).

Para Agostinho, a memória do homem possui uma grande potência e está repleta de vida e, tendo em vista o tema que trataremos mais adiante sobre o sagrado e a própria união mística, vale recuperar a relação realizada pelo autor das *Confissões* sobre a **passagem** da memória a Deus.

Agostinho se interrogava se seria preciso ultrapassar a vivacidade da memória para que se pudesse alcançar a Deus e, por alguns instantes, parece, ao bispo de Hipona, que seria realmente necessário afastar-se dessa grandiosidade da memória para alcançar a Deus, mas aí seria preciso recordar de algo: “Se Vos encontro sem a memória, estou esquecido de Vós. E como Vos hei de lá encontrar se me não me lembro de Vós?” (AGOSTINHO, 1973, p. 208). Ora, essa interrogação nos leva a crer que, para Agostinho, o encontro com Deus se dá também por uma ação de memória, uma vez que, quando nos esquecemos de algo, “onde é que, afinal, a procuramos, senão na mesma memória?” (AGOSTINHO, 1973, p. 209), e só reconhecemos esse algo esquecido porque já o conhecemos.

Por isso, a procura por Deus consiste na mesma busca por uma vida feliz. Agostinho encara essa questão da felicidade preocupado em saber se essa noção está na memória, uma vez que, lá existindo, já fomos felizes em algum momento. Para Agostinho, todos os homens, “sem hesitação”, desejam a felicidade e isso é garantido pela memória que conserva o que é significativo neste vocábulo (AGOSTINHO, 1973, p. 210).

Mas nós não nos lembramos da felicidade como um corpo ou mesmo como quem se lembra de números; ao lembrarmos da felicidade, os homens a desejam e a amam. Até mesmo a alegria é um lembrar semelhante, embora esteja relacionado à vivência de atos que se lembre com saudade (AGOSTINHO, 1973, p. 211).

E a vida feliz, onde os homens a teriam experimentado? Onde o **Eu** que a deseja a experimentou para amá-la e dela recordar-se? Ora, para Agostinho, a “vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra” (AGOSTINHO, 1973, p. 211),

ou seja, para ele, a vida feliz está em Deus, que está presente no interior do homem e, sendo assim, o próprio Deus está na memória.

Agostinho associa a verdade a Deus: “Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, a mesma Verdade. Desde que a conheci, nunca mais a deixei esquecer. Por isso, desde que Vos conheci, Permaneceis na minha memória” (AGOSTINHO, 1973, p. 212-213). Mas onde estaria Deus na memória? Haveria algum lugar específico? O próprio Agostinho responde que Deus reside dentro dela. Aqui, a memória é compreendida como uma faculdade espiritual que reconhece a Deus como um ser transcendente que habita “dentro de mim” (AGOSTINHO, 1973, p. 214) e que está “acima de mim” (AGOSTINHO, 1973, p. 213).

Apesar disso, Agostinho acredita que a memória também está carregada de imagens e hábitos ruins, daí a necessidade do encontro com Deus como forma de purificação.

Retomando o caminho fenomenológico da memória, Paul Ricoeur constata que uma das justificativas para o desejo de veracidade da memória está na constatação pura e simples de que, de certa maneira, não temos outro recurso para percebermos o passado além da própria memória. Portanto, a memória está inserida, originariamente, na questão do tempo.

#### 4 MEMÓRIA E TEMPO

Mesmo que Ricoeur (2010, p. 41) esboce uma fenomenologia fragmentada da memória, o fio condutor de sua análise é o tempo e, por isso, será preciso distinguir “a memória como visada e a lembrança como coisa visada”. Assim, fica evidente a questão do passado,

uma vez que, na memória-lembrança, o passado é distinto do presente, fica facultado à reflexão distinguir, no seio do ato de memória, a questão do ‘o que?’ do ‘como?’ e do ‘quem?’[...]. Em terminologia husserliana, essa distinção se dá entre a *noese*, que é a rememoração, e o *noema*<sup>8</sup>, que é a lembrança (RICOEUR, 2010, p. 41).

---

<sup>8</sup> Para Husserl, *noese* diz respeito aos aspectos subjetivos de uma vivência, entre os quais estariam a apreensão dos objetos. Já o *noema* diz respeito a uma reflexão

Logo, as lembranças seriam os fragmentos do passado, com maior ou menor precisão, enquanto a memória seria um fundo de imagens com que “podemos nos deleitar em estados de devaneio vago” (RICOEUR, 2010, p. 41). A memória, que está sempre no singular, consiste numa capacidade e efetuação, e as lembranças, no plural, consistiriam numa multiplicidade de distinções.

Dentro da dinâmica do pensamento de Ricoeur, deparamo-nos com o tema do reconhecimento, que está ligado ao reconhecimento de si e ao reconhecimento mútuo. Nesse sentido, precisamos retomar um ponto em que há uma ruptura do pensamento de Ricoeur com Agostinho, na medida em que, para o pensamento do autor das *Confissões*, o reconhecimento último se dá a partir da presença do próprio Deus na memória, no espírito humano; enquanto que, para Ricoeur, essa não parece ser uma preocupação, ficando o acento do filósofo francês não na presença divina no homem, mas na própria ação. Esse posicionamento divergente é exposto pelo próprio Ricoeur nos seguintes termos:

É o aspecto reencontrado da concepção agostiniana do tempo, cuja distensão provém da divergência íntima no presente, dividido entre o presente do passado ou memória, o presente do futuro ou expectativa, e o presente do presente (que, ao contrário de Agostinho, será colocado por mim, em conformidade com uma filosofia do agir, sob o signo da iniciativa em vez de sob o signo da presença) (RICOEUR, 2006, p. 139).

Percebemos que se Ricoeur coloca o tema do reconhecimento de si como um momento da dialética memória-promessa e isso implica uma filosofia do agir, para Agostinho, não excluindo a possibilidade da ação, o tema da presença, na interioridade, ganha centralidade para o reconhecimento de si e para o reconhecimento mútuo, aqui entendido como uma abertura ao outro e também ao Outro visto como o Absoluto.

---

sobre o objeto nos seus diversos modos de apresentação e que são dados na experiência. Assim, a percepção de uma árvore é dada juntamente com as suas características (verde, grande etc.).

Nesse ponto, a memória também se faz primordial para que exista um **Eu** e um **Tu**. A memória garante a existência e a persistência desse **Eu** no tempo e na relação, não como algo imutável, mas como síntese que avança em relação ao encontro e reconhecimento de si mesmo, algo que nunca se dá no isolamento solipsista, mas numa relação com os outros e com o Outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para desenvolver um estudo sistemático sobre a memória, Paul Ricoeur começa sua análise pelas obras dos principais pensadores ocidentais, os quais refletiram sobre essa questão. Entre os principais autores abordados pelo filósofo francês estão o grego Aristóteles e o cristão Agostinho.

Esse aparente distanciamento, uma vez que Aristóteles não constitui uma das principais influências de Agostinho, possibilita que tenhamos maior clareza da originalidade do pensamento desses filósofos e demonstra, por outro lado, a necessidade de Ricoeur em percorrer de maneira quase “genealógica” os caminhos da memória, a saber: o tempo e o **Eu** (a interioridade). Aristóteles contribui para demarcar o lugar da memória como **algo do passado**, portanto, dando um primeiro destaque à questão do tempo. Por outro lado, Agostinho traz a questão da memória para a interioridade, dando assim um destaque à memória na perspectiva da subjetividade e como um elemento fundamental para as configurações do **Eu**.

Ricoeur revela as principais contribuições do pensamento de Aristóteles e Agostinho para a discussão da memória do ponto de vista das origens do Ocidente e, mesmo no pensamento do contemporâneo filósofo francês, há ressonâncias das ideias desses autores, especialmente na discussão do reconhecimento de si, em que o homem precisa passar pelo percurso, pelo tempo, pela sua interioridade e pela relação com o outro para chegar ao reconhecimento de si.

Poderíamos afirmar que, para Ricoeur, tanto Aristóteles quanto Agostinho possibilitaram compreender a memória como uma espécie de elo que articula os fios que tornam possível o reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**: de magistro e do mestre. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores)

ARISTÓTELES. **Del sentido y lo sensible / De la memória y el recuerdo**. Trad. de Francisco de Samaranch. 1962. Disponível em: <[www.scribd.com/people/view/3502992](http://www.scribd.com/people/view/3502992)>. Acesso em: 26 jan. 2010.

\_\_\_\_\_. **Metafísica**. São Paulo: Edipro, 2006.

BARROS, J. D. Tempo e narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais, v. 9, n. 1, jan./abr. 2012. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo\\_9\\_Jose\\_D\\_Assuncao\\_Barros.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo_9_Jose_D_Assuncao_Barros.pdf)>. Acesso em: 8 jul. 2013.

RICOEUR, P. **Percorso do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa I**. Campinas: Papyrus, 1994.

